

MICROSCÓPIO

O MAL DA POLÍCIA

Raul Pilla

16.V.54

SOMENTE empurrões teria recebido o jornalista, na delegacia de Polícia. Aceitemos a versão e renunciemos a saber como simples empurrões podem ter produzido as lesões internas que trouxeram a vítima às portas da morte.

Aí está, pois. Um cidadão, com situação perfeitamente definida na sociedade, é acusado de haver cometido uma falta qualquer e, levado à Polícia, ali lhe dão uns empurrões, simples empurrões. Que significa isto? Que este cidadão qualificado, para a satisfação do qual existem e funcionam todos os serviços públicos, foi agredido por funcionários, em cujas atribuições se inclui, justamente, a de o preservar de violências.

Singular que fôsse o caso destarte simplificado na versão oficial, ainda assim seria grave. Denotaria, de parte de agentes da autoridade pública, total desrespeito à dignidade da pessoa humana, que é um dos fundamentos morais da democracia. Mas, nem foi tão simples a violência, nem constitui fato singular. Muito pelo contrário, são fatos quotidianos, rotineiros, os atentados da Polícia contra os cidadãos que ela deveria servir. Teve este especial ressonância, não tanto por suas consequências, pois frequentes são os casos de morte determinada por maus tratos policiais, como principalmente por haver recaído num jornalista. Pessoas humildes são frequentemente violentadas. Mas, ainda quando se trate de criminosos, especialmente quando destes se trate, pois mais que os outros precisam eles de bons exemplos, cumpre à Polícia respeitar a lei e, mais ainda que a lei, a dignidade da criatura humana, por mais degradada que esta pareça.

Estes vergonhosos costumes policiais não são, entretanto, um fenômeno puramente policial. Manifesta-se o mal na Polícia, mas alhures está a sua origem. É a irresponsabilidade do nosso sistema de governo.

Se pudesse ser destituído pelo Parlamento ao verificar-se uma grave violência policial, o ministro teria maior cuidado na escolha do chefe de Polícia e o demitiria antes de lhe chegar a vez de ser dispensado. O chefe de Polícia, por sua vez, sentindo-se tão vulnerável, exerceria rigorosa e constante vigilância sobre os seus subordinados, punindo ou demitindo os incapazes. E assim se modificaria, de alto a baixo, a corporação que, não fôsse a existência, em seu seio, de elementos honestos, se diria uma *societas sceleris* reconhecida e sustentada pelo governo. O que atualmente se verifica é que, podendo optar entre a cômoda irresponsabilidade e a dura contingência de abrir luta com uma poderosa corporação, o chefe de Polícia prefere a primeira hipótese, muito mais cômoda para ele e para o governo de que faz parte e cuja segurança se baseia na vigilância policial. Explica isto que não raro o chefe de Polícia publicamente se solidariza com as violências dos seus subordinados.

O mal da Polícia, mais do que nela mesma, está em nosso sistema de governo, que consagra a irresponsabilidade.